



## Resumo de Iniciação Científica – 2019/2020

Aluno: Matheus Lemos Parente

Orientadora: Profa. Dra. Claudete de Castro Silva Vitte

### Relações América Latina – China: Geopolítica e Geoeconomia

A presença de investimentos e de relações comerciais da China na América Latina é algo muito relevante, principalmente no contexto em que, o eixo da economia global está transladando-se de forma crescente para a Ásia do Pacífico, região que vem apresentando crescimento econômico superior ao restante do mundo e, em congruência com a realidade econômica mundial, a definição das regras do comércio também estão sob mudanças, cabendo às economias latino-americanas se atentarem para elas.

A pesquisa visou contribuir na temática da geopolítica e geoeconomia latino-americana, tratando algumas das relações econômicas e políticas da América Latina com a China, uma pauta da agenda de pesquisa do que denominamos de geografia das relações internacionais.

A China, um dos mais importantes *global traders* faz investimentos em diversas regiões do globo, não sendo diferente na América Latina, uma região de passado colonial, com grandes potencialidades em termos de mercado, grande produtora de *commodities* minerais e agrícolas e que há séculos se debate com seu desenvolvimento econômico incompleto, com enormes desigualdades sociais e altas taxas de violência, um lamentável fator de identidade que os países da região apresenta. A questão a orientar a reflexão é se essas relações se colocam como socialmente favoráveis, especialmente para a América Latina.

Assim, no contexto de um mundo globalizado, a pesquisa teve como objetivo analisar e entender as relações da América Latina com a China, considerando os seguintes temas: atividades comerciais e industriais, produção mineral, produção agropecuária, recursos naturais e a questões ambientais, ressaltando alguns dos principais projetos e investimentos.

**Desenvolvimento:** A China tem sido protagonista de uma impressionante expansão econômica e comercial, em decorrência de suas reformas econômicas, adotando um modelo de *economia de mercado socialista*. Sua alta oferta de mão de obra a baixo custo cria vantagens competitivas no mercado internacional, se tornando um atrativo à instalação naquele país de muitas empresas multinacionais. As transformações no país continuam, com investimentos cada vez mais significativos em uma produção industrial de crescente valor agregado e alta tecnologia, com a produção chinesa se mostrando competitiva em diversos setores de alta tecnologia.

A crescente demanda chinesa por novos mercados de matéria-prima, bens intermediários, entre outros e esse é um dos interesses para o país a se aproximar da América Latina, região que possui grandes reservas energéticas, de matérias-primas, produção de *commodities* agrícolas e minerais e uma população considerável que forma um importante mercado potencial. Sendo assim, o gigante asiático, ao buscar parcerias comerciais, se apresenta como um grande atrativo econômico aos países latino-americanos, sendo um importante importador e oferecendo créditos vantajosos, incentivos tecnológicos, novas inversões e projetos de grandes obras de infraestrutura, além de sua capacidade de aumentar o poder aquisitivo de parte da sociedade, especialmente os produtores do agronegócio.

Na sequência, serão caracterizados os principais setores dessa relação da China com a América Latina: comércio; indústria; infraestrutura, energia e logística; a *Iniciativa do Cinturão e Rota*; mineração; agropecuária; recursos naturais; e meio ambiente.

De maneira geral o comércio exterior a partir da América Latina para a China se baseia principalmente em *commodities*, como minérios e grãos. Por sua vez, a China exporta majoritariamente, produtos eletrônicos e maquinários à América Latina. O “efeito demanda” gerado pela ascensão da economia chinesa, contribuiu de maneira importante nas taxas de crescimento das exportações e na evolução das trocas comerciais realizadas pelos países latino-americanos. O aumento do preço das *commodities*, especialmente no século XXI, permitiu um crescimento geral das exportações destinadas tanto à China, quanto ao resto do mundo.

O estabelecimento de relações cada vez mais intensas entre a América Latina e a China, é globalmente positivo para o subcontinente, pois gera a criação de vínculos com a economia mais dinâmica do mundo. Porém, há o desafio de alterar a dinâmica atual entre essas relações, para diversificar a base produtiva de exportação, transcender o modelo extrativista e primário e lançar as bases para alianças produtivas de maior valor agregado, para que assim, não seja gerado uma dependência em relação à China ou ao preço das matérias-primas.

A China, com sua oferta quase que ilimitada de mão de obra, com seu potencial crescimento produtivo e um Estado intervencionista, compete fortemente no setor industrial global. Porém, essa inserção chinesa no mercado mundial e seu protagonismo na América Latina geram projeções incertas sobre o futuro da região na divisão internacional do trabalho, na medida em que a mesma vem apresentando dificuldades em relação à questão da industrialização e sustentabilidade ambiental. Cada vez mais a América Latina vem recebendo investimentos de empresas chinesas, principalmente nos setores de energia e infraestrutura, seguidos pelos setores de nucleoeletrônica, automação e aeroespacial.

Portanto, as relações com a indústria chinesa e sua competitividade industrial, não são em si um problema ou um desafio ao desenvolvimento industrial latino-americano. O que é necessário para a América Latina são políticas bem planejadas, para criar recursos como o capital humano ou tecnologias, fundamentais para o desenvolvimento da sua indústria.

A China é a maior nação comercial do mundo e, portanto, um país interessado na redução do custo de transporte de mercadorias por meio da modernização da infraestrutura de transporte, pois o escoamento de mercadorias precisa ter fluidez e, sendo assim, esse interesse em infraestrutura é um dos motivos que afeta o

comércio internacional. Assim, a China procura oferecer tecnologia, financiamento, empresas, abastecimento, força de trabalho ao setor de infraestrutura dos países integrados as quais ela tem interesse comercial, com um transbordamento político, no sentido de intensificar os vínculos sociais, políticos e econômicos.

Para tal realização, as empresas chinesas, por meio de investimentos externos diretos, são responsáveis pelo planejamento, financiamento e execução de projetos de infraestrutura. Os investimentos em infraestrutura nos países latino-americanos podem contribuir para o seu desenvolvimento, aumentando o crescimento econômico e contribuindo para aumentar a demanda por bens e serviços chineses. Portanto, é importante para região a oportunidade de superação da falta de infraestrutura econômica, de forma a possibilitar a dinamização de seu crescimento econômico.

A carência da América Latina em infraestrutura econômica dificulta o seu próprio crescimento econômico. Portanto, os investimentos chineses, especialmente nos setores de energia e logística, podem dinamizar a atividade econômica e ampliar sua participação no comércio global. Contudo, esses investimentos requerem atenção, pois as análises das relações estabelecidas revelam diversas assimetrias.

Em 2017, o governo chinês organizou o “Fórum para a Cooperação Internacional Cinturão e Rota”, que tinha como objetivo de debater as potencialidades de cooperação em relação as “novas rotas da seda”, com o plano de criar uma complexa infraestrutura para potencializar as economias da Ásia Central, do Sudeste Asiático e da bacia do Oceano Índico, se estendendo para a Europa, África e, recentemente para alguns países da América Latina. Assim então, foi lançado o grande projeto econômico e geopolítico chamado de *A Iniciativa do Cinturão e Rota (The Belt and Road Initiative)*.

Podemos entender a *Iniciativa do Cinturão e Rota* como uma estratégia chinesa de longo prazo que busca cooperação e confiança em relação a questões políticas, econômicas, culturais e militares baseada na implantação e modernização de infraestrutura produtiva. Contudo, a *Iniciativa do Cinturão e Rota* trata-se de uma iniciativa ambiciosa, que pode ter impactos geopolíticos com a produção de uma nova espacialidade com consequências no futuro, que no caso da América Latina, o projeto terá que tomar cuidados em relação às questões de inserção e dependência da região latino-americana para superar uma série de implicações.

A análise da Nova Rota da Seda releva um planejamento estratégico de um grande espaço fragmentado, heterogêneo e desigual, que tem como proposta construir uma nova coerência espacial por meio de um grande projeto de infraestrutura, que por um lado, permite uma grande penetração, controle e garantia espacial e territorial dos locais integrados à iniciativa, e por outro lado, responde ao aumento da concorrência intercapitalista, a tendência de superacumulação e a queda na taxa de lucro.

A América Latina é uma das regiões mais ricas em metais e minerais em nível mundial. A região possui importantes reservas que com manejo apropriado, abre oportunidades de avanço em termos de sustentabilidade ambiental, e diversificação produtiva e exportadora. Contudo, a América Latina enfrenta problemas e desafios na área de mineração por causa da vulnerabilidade de seus países com relação à flutuação dos preços, pelo baixo valor agregado de seus produtos e pelos danos socioambientais relacionados às atividades extrativas. Enquanto a China, faz parte dos três principais exportadores e importadores mundiais de metais e minerais, consequência direta do seu crescimento econômico nas últimas décadas,

processo que resultou em uma alta demanda por insumos essenciais para diversos tipos de indústria e para a construção de projetos de infraestrutura.

A crescente demanda global por metais como o lítio, gera oportunidades para a América Latina se desvincular do modelo extrativista do passado e começar a implementar modelos de exploração de recursos naturais que garantam níveis mais altos de agregação de valor e difusão de conhecimento de ponta em relação ao setor mineral. Há desafios a serem enfrentados pelos países latino-americanos em relação à vulnerabilidade das exportações, tão fortemente marcadas por uma pauta de produtos de baixo valor agregado e fortemente dependente da exploração de recursos naturais, lembrando que mesmo a produção agropecuária, que será tratada abaixo, é tributária de dois recursos naturais abundantes no subcontinente: terra e água. Também há o desafio de lidar com o baixo crescimento econômico e da receita tributária diante das flutuações de preço, da necessidade de desenvolvimento de ciência e tecnologia para agregar valor às exportações, além dos problemas ambientais decorrentes do padrão extrativista da economia latino-americana.

A crescente demanda chinesa por *commodities* é para a América Latina uma grande oportunidade de crescimento de suas exportações no setor agropecuário, de modo que essa parceria projeta os países do subcontinente como importantes produtores de *commodities* na esfera internacional.

Assim, a América Latina vem reforçando sua posição como uma das grandes fornecedoras globais de alimentos, com perspectivas futuras favoráveis para a região, em função da abundância relativa de água, expansão agrícola e um forte setor energético. Porém, há a necessidade da diversificação produtiva da região e do afastamento ao atual sistema de latifúndios pela busca de um maior e melhor desenvolvimento agropecuário, podendo atender à crescente demanda da China com sua população bilionária e explorar as oportunidades em relação ao mercado chinês. No entanto, tanto a produção agropecuária como a exploração de recursos naturais, da qual discutimos a produção mineral, tão dependentes das importações chinesas resultam em ao menos duas importantes questões: a da forma de exploração dos recursos naturais e as de impactos ambientais.

Há uma escassez relativa de recursos naturais na China e por isso a garantia de fontes externas de fornecimento no longo prazo é um dos objetivos centrais do governo chinês, movimentando uma ofensiva mundial, visando diversificar suas fontes de importação. A China vende seus produtos industriais a preços baixos para conquistar o mercado internacional, ao mesmo tempo em que compra grandes volumes de matérias-primas.

A demanda derivada do acelerado crescimento chinês, é organizada a partir de planejamentos de longo prazo, sendo a América Latina estratégica como uma grande fornecedora de recursos naturais para sustentar sua crescente produção. Porém, a situação não parece ser tão promissora para o subcontinente latino-americano, pois não tem havido um aproveitamento efetivo dos benefícios potenciais oferecidos pela abundância de recursos naturais na região. De fato, a América Latina necessita de estratégias de desenvolvimento pensando nos médio e longo prazos, de forma a equilibrar os interesses chineses com o progresso econômico, social e ambiental dos países latino-americanos. Por isso, cabe às nações latino-

americanas definir um equilíbrio entre os interesses regionais, nacionais e globais em relação à exploração de seus recursos naturais, evitando então, entrar no meio de disputas internacionais que não as beneficiem.

A ascensão da China como uma importante parceira da América Latina reforça a importância de adotar medidas de proteção em relação ao meio ambiente na região, pois como a China é um importante destino das exportações latino-americanas, principalmente de *commodities*, isso significa para a América Latina uma pauta de exportação ambientalmente muito intensiva e propensa a conflitos e problemas ambientais.

Infelizmente, os países latino-americanos caminham para uma trajetória distante de um modelo sustentável, mas, cabe à China e à América Latina estabelecerem relações que atendam a ambos os interesses, beneficiando às suas populações e promovendo um desenvolvimento sustentável. O relacionamento entre a América Latina e a China não será duradouro se os governos deixarem de lado os problemas e os conflitos ambientais e sociais gerados entre tais relações, pois a degradação ambiental pode estancar a produção tão importante para a China. Porém, essa parceria poderá ser positiva se os governos enfrentarem os desafios, o que significaria canalizar parte do capital provindo das relações comerciais para a conservação de recursos, estabilização, diversificação econômica, geração de empregos e a proteção ambiental.

**Conclusão:** A relação econômica da América Latina com a China é um fato concreto e dificilmente mudanças políticas no subcontinente prejudicarão essas relações devido à dependência gerada pelas exportações para o gigante asiático.

Essas relações sino-latino-americanas podem ser uma oportunidade para a América Latina aproveitar um mercado em franco crescimento ao longo das últimas décadas. Se essas relações bilaterais permitirem aos países do subcontinente diversificarem as parcerias, não é recomendado que se caia em outro extremo, no qual os países latino-americanos passem a depender cada vez mais de um único parceiro em trocas comerciais que vêm reprimarizando cada vez mais a economia latino-americana. É certo que o aumento das atividades produtivas dos países latino-americanos, para se manterem de forma crescente, dependerá de melhorar sua infraestrutura, permitindo impulsionar sua dinâmica de desenvolvimento e esta tarefa, por ser dispendiosa, poderá ser beneficiada por investimentos chineses que devem ser muito bem negociados para não gerar novas dependências com potências extra-regionais. Assim, gerenciar o relacionamento com a China não é uma tarefa fácil, pois há diversos problemas de ordem econômica e socioambiental que precisam ser corrigidos.

Portanto, a despeito de suas relações com a China, a América Latina deve buscar uma maior complexidade industrial, econômica e tecnológica, se alinhando diferentemente do atual do modelo de desenvolvimento. Do contrário, essas relações acabam por gerar um efeito negativo na região latino-americana, causando sua reprimarização. Em suma, a China pode ser um agente gerador de oportunidades para um desenvolvimento mais amplo, efetivo e gerador de impactos sociais positivos na América Latina.